



## **Rompendo invisibilidades: Memória e cidadania<sup>1</sup>**

Maria Alice BRAGANÇA<sup>2</sup>  
Donaldo HADLICH<sup>3</sup>  
Margarete Fagundes NUNES<sup>4</sup>  
Norberto KUHN JÚNIOR<sup>5</sup>  
Jéssica KLEIN<sup>6</sup>  
Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo investigar e relatar como ações de projetos extensionistas, tendo um jornal como instrumento, podem contribuir para o registro da memória da população negra de Novo Hamburgo e com a ruptura do discurso da invisibilidade da presença desses sujeitos na história da cidade, no Vale do Rio dos Sinos e do Rio Grande do Sul. Presentes na região desde a época do Império, os negros acabaram por sofrer um processo de invisibilidade nas discursividades em torno de uma marca identitária local. Imagens e representações alusivas à região costumam assinalar a presença e a contribuição dos imigrantes alemães, vistos como protagonistas do desenvolvimento econômico do Vale. As ações mencionadas foram desenvolvidas, em parceria, pelos projetos Banda Mirim e Jornal Comunidade, da Universidade Feevale, através da publicação da série de reportagens “Memórias do Bairro Guarani”.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Jornalismo; Mídia alternativa; Cidadania; Negros

### **Introdução**

A proposta de desenvolver uma série de reportagens sobre memórias da comunidade negra de Novo Hamburgo foi assumida, em parceria por dois projetos de extensão da Universidade Feevale, o Banda Mirim e o Jornal Comunidade, publicação bimensal, vinculada à área da Comunicação, cujo objetivo é divulgar ações extensionistas da instituição. Textos, documentação fotográfica e artigos, alguns

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, setembro de 2010, Caxias do Sul.

<sup>2</sup> Maria Alice BRAGANÇA, jornalista, mestre em Comunicação Social pela PUCRS, professora da Universidade Feevale, integrante do projeto de extensão Jornal Comunidade.

<sup>3</sup> Donaldo HADLICH, jornalista, mestre em Comunicação Social pela UNISINOS, professor da Universidade Feevale, integrante do projeto de extensão Jornal Comunidade.

<sup>4</sup> Margarete Fagundes NUNES, doutora em Antropologia pela UFSC, professora da Universidade Feevale, coordenadora da pesquisa “As comunidades negras do Vale do Sinos e a memória do trabalho”.

<sup>5</sup> Norberto KUHN JÚNIOR, doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, integrante do projeto Banda Mirim, também colaborador da pesquisa “As comunidades negras do Vale do Sinos e a memória do trabalho”.

<sup>6</sup> Jéssica KLEIN, acadêmica de Jornalismo, Curso de Comunicação Social, da Universidade Feevale, bolsista de extensão do projeto Jornal Comunidade.



oriundos da própria comunidade, foram publicados pelo jornal de novembro de 2009 a junho de 2010. A série tem continuidade prevista até o final deste ano. O ponto de partida para essa ação surgiu da própria comunidade que procurou integrantes do projeto de extensão Banda Mirim. Vinculado ao Curso de História, da Universidade Feevale, o Banda Mirim integra o programa específico Identidade, Etnia e Gênero/NIGERIA, da Área de Direitos Humanos.<sup>7</sup>

Representantes de uma das escolas de samba de Novo Hamburgo, a Portela do Sul, apresentaram o seu interesse de resgatar a história da presença negra na região e transformá-la em samba-enredo para o carnaval 2011. Adotar como pauta um tema relacionado ao resgate dessa história foi considerado uma contribuição importante do jornalismo a uma reflexão mais abrangente sobre a cidadania. Com 3 mil exemplares, o *Jornal Comunidade* constitui-se em mídia alternativa, que, além de divulgar ações sociais de projetos de extensão, proporciona uma experiência de laboratório de jornalismo a estudantes do Curso de Comunicação, aberto a participação da comunidade. A relevância do jornalismo para a renovação do conceito de cidadania é ressaltada por Festa (2008):

[...] a renovação do conceito de cidadania passa impreterivelmente, pela ampliação dos espaços públicos, nos quais deverão estar expressos os interesses dos distintos grupos (todos) povos, coletivos sociais e civis. Uma tarefa que na sociedade moderna e contemporânea compete especialmente aos jornalistas e profissionais das esferas públicas [...] (FESTA, 2008, p. 304).

A importância de que sejam diversificadas as fontes e os temas abordados pelos jornalistas, para o desenvolvimento de uma consciência maior de cidadania e fortalecimento da democracia, é defendida também por Carranca (2008):

[...] Nenhuma sociedade é homogênea, e o regime democrático pressupõe que todos os grupos estarão representados, terão suas vozes ouvidas e seus direitos atendidos. Para que a conquista da democracia floresça de fato no Brasil, é necessário que a sociedade como um todo desenvolva essa consciência. E, para que a aceitação da ideia de uma sociedade plural seja acelerada, o papel da imprensa é fundamental e imprescindível (CARRANCA, 2008, p. 312).

---

<sup>7</sup> O NIGERIA foi fundado em 20 de novembro de 2002 e tem como propósito fomentar a discussão e reflexão continuada em torno das questões de gênero, identidades culturais e diversidades étnico-raciais.



A história de Novo Hamburgo é contada quase que exclusivamente a partir da comunidade de imigração germânica, excluindo outras etnias que participaram de seu desenvolvimento. A invisibilidade da presença negra aos poucos tem sido questionada por pesquisadores que tomam a cidade e a região como objeto de estudo. Dentre outros, destacam-se o trabalho de Moura (2004), “Presentes e Invisíveis: escravos em terras de alemães – São Leopoldo 1850-1870”; de Nunes (2009), “O negro no mundo alemão: cidade, memória e ações afirmativas no tempo da globalização”; mais recentemente, o de Magalhães (2010), “Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)”. Essas pesquisas confrontam, perturbam, uma memória socialmente constituída e oficializada, à medida que trazem à tona fragmentos da memória individual e da memória coletiva (HALBWACHS, 2006) dos homens e mulheres negros de Novo Hamburgo e região.

Cabe lembrar que o número crescente de pesquisas acadêmicas ocorre paralelamente ao avanço das políticas de ações afirmativas<sup>8</sup> na sociedade brasileira contemporânea. Esse movimento concomitante explica-se, sobretudo, porque ao clamarem por uma visibilidade racial e étnica, as populações negras e indígenas do Brasil desestruturam práticas consolidadas e legitimadas pelo tempo: questionam as historiografias clássicas, propõem “contar outra história”<sup>9</sup>, forjar memórias, (re) construir itinerários, (re) organizar sentimentos e valores coletivos.

Esse processo precisa ser compreendido e assumido pelo campo do jornalismo, pelo papel que os meios de comunicação possuem de “[...] sensibilizar em grande escala, alcançando de forma ampla a população”, conforme lembra Motta (2008, p. 335). O efeito de agendamento da mídia é salientado pelo autor:

Pesquisas em vários países, inclusive no Brasil, têm demonstrado que o jornalismo tem capacidade reduzida de convencimento, não tem o poder de determinar como pensamos. Mas possui enorme potencial para estabelecer sobre o que pensamos, debatemos, priorizamos: o jornalismo transfere relevância, direciona a atenção, hierarquiza e fixa

---

<sup>8</sup> A origem do conceito de ações afirmativas vincula-se à luta pela superação do racismo na sociedade norte-americana. Mais tarde o conceito passa a ser utilizado na pauta de reivindicações de outros grupos étnicos e também para combater as discriminações de gênero. Trata-se de respostas jurídicas adotadas pelos Estados nacionais a fim de combater as discriminações de base étnico-racial e outras formas de preconceito (RIOS, 2006). No Brasil, o conceito ganhou popularidade a partir da formulação e implementação de políticas públicas específicas para as populações negras e indígenas, em meados dos anos 2000.

<sup>9</sup> Ao mencionarmos a expressão “contar outra história” remetemo-nos à pesquisa de Magna Magalhães sobre os negros em Novo Hamburgo, intitulada “Contando uma outra História: memória e identidade na Sociedade Cruzeiro do Sul”, iniciada em 2003. O artigo “Negras Memórias: a trajetória da Sociedade Cruzeiro do Sul”, citado mais adiante, teve origem nessa pesquisa.



temas que o público vai discutir. É a mídia que os coloca em cena, prioriza, amplifica ou omite as questões que a sociedade irá focalizar ou ignorar. Daí a sua importância: a pauta da mídia torna-se agenda pública (MOTTA, 2008, p. 335).

## **1 Articulações de ensino, pesquisa e extensão**

Muitos trabalhos acadêmicos locais sobre as comunidades negras na região do Vale do Sinos surgiram após uma nova orientação nacional para as universidades brasileiras, a partir de 2002, quando ocorreu o Encontro Nacional sobre Ações Afirmativas, integrando o I Fórum “Diversidade na Universidade”. Uma das orientações do encontro foi sobre a necessidade de fortalecimento dos Núcleos de Estudos Afrobrasileiros nas universidades (REICHERT, 2005). Cabe ressaltar que, naquele período, o então Centro Universitário Feevale, hoje Universidade, criou o NIGERIA, Núcleo de Identidade, Gênero e Relações Interétnicas, transformado em Programa de Extensão de Identidade, Etnia e Gênero, em 2006. Essa breve retrospectiva ajuda a compreender a frente de trabalho do programa NIGERIA com as comunidades negras de Novo Hamburgo, especialmente por meio do projeto Banda Mirim.

A partir desse diálogo é que surge a demanda da Escola Portela do Sul: conhecer e registrar a memória do antigo bairro África, hoje designado como Guarani. O pedido foi considerado de interesse das ações extensionistas da Universidade Feevale e viável do ponto de vista da atuação de um jornal voltado à divulgação dessas ações e, também, laboratório de formação de futuros jornalistas, pois reportagens que tratam de temas como desigualdade e discriminação ainda são pouco comuns da imprensa. Dessa forma, abordá-los em um jornal, com características de comunicação comunitária, mantido por uma Universidade, foi avaliado também por sua dimensão de ensino.

Pesquisa realizada pela ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância, 2003), em 716 notícias veiculadas em 56 jornais brasileiros, revelou que a grande maioria deles publica, em média, cerca de uma matéria a cada dois dias sobre temas como pobreza e miséria, fome, desnutrição, exclusão, desigualdade, desenvolvimento humano, políticas compensatórias, assistencialismo, geração de renda e outros assuntos afins (MOTTA, 2008, p. 335).

A série de reportagens, definida para dar conta do objetivo proposto, ganhou o título de “Memórias do Bairro Guarani”, de forma que ela pudesse ser construída por diversos autores, em uma colaboração entre uma publicação jornalística, pesquisadores



e comunidade. Compreendeu-se, também, a relevância dessa experiência para uma reflexão sobre o “fazer” jornalístico, a partir do campo da Comunicação, bem como de diálogo interdisciplinar com pesquisadores de outras áreas, reunidos no projeto Banda Mirim, compondo distintos olhares sobre um mesmo objeto. Como lembra Nunes (2006, p. 68): “Visualizamos o mundo, as coisas, os sujeitos e suas relações, a partir, também, dos esquemas conceituais da nossa disciplina formadora”.

A importância da articulação entre ações extensionistas, de ensino e de pesquisa para a formação dos futuros jornalistas é defendida por Martins (2008), entre outros autores:

[...] Como atividade que envolve muitas áreas profissionais, inúmeras disciplinas e diversos campos científicos, o jornalismo deve operar de forma a contribuir para avanços na vida em sociedade. Afinal, ele se destaca como elo para que a sociedade conheça seus direitos, conheça a si própria (MARTINS, 2008, p. 329).

De acordo com o autor, “se a universidade é uma síntese ou um conjunto que reúne ensino, pesquisa e extensão, no caso dos cursos de jornalismo essa tríade deve ser, mais do que em qualquer outra área, reforçada” (MARTINS, 2008, p. 330). Como forma de possibilitar uma releitura da história de Novo Hamburgo, retirando a contribuição da comunidade negra de sua quase total invisibilidade, buscou-se cruzar reflexões e técnicas de investigação e apuração oriundas das diferentes áreas acadêmicas envolvidas. Recorreu-se, assim, a registros fotográficos e a técnicas de entrevista e apuração do jornalismo investigativo, articulando-as às propostas da pesquisa-ação, conforme proposta de Michel Thiollent (2003). Dessa forma, integrantes da comunidade participariam do processo de apuração não só fornecendo e redigindo relatos, mas, também, indicando novas fontes de entrevista e documentação.

Além dessas técnicas investigativas, soma-se o registro de narrativas biográficas sob o enfoque antropológico, a partir da relação estabelecida com o grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade. Por meio da pesquisa “As comunidades negras do Vale do Sinos e a memória do trabalho”<sup>10</sup>, realizou-se, num primeiro momento, o registro da narrativa biográfica de um antigo morador do Bairro Guarani, indicado pelas lideranças da Portela do Sul. A referência teórico-conceitual de narrativa ancora-se nos trabalhos de Eckert e Rocha (2004; 2005).

---

<sup>10</sup> Pesquisa coordenada pela professora Margarete Fagundes Nunes e que conta com a colaboração do professor Norberto Kuhn Júnior.



A partir do campo da Comunicação, os autores que fundamentam as reflexões apresentadas nesta pesquisa, com relação ao jornalismo e à fotografia, são Traquina (2001), Kossoy (2000) e Guran (2002). Quanto ao papel dos meios de comunicação e temas concernentes à cidadania e políticas públicas, buscou-se apoio em Carranca (2008), Festa (2008) e Motta (2008).

## **2 A importância de garantir a visibilidade das comunidades negras**

Para compreender uma sociedade democrática com igual representação de seus cidadãos é necessário reconhecer os distintos grupos étnico-raciais que a compõem, com sua diversidade e distintas versões sobre a história do desenvolvimento do país.

A preocupação do jornalismo com a pluralidade de fontes pretende atender a essa compreensão. Ao abordar o poder da imprensa, Adriana Carranca ressalta que:

A imprensa possui um poder único de contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igual. Primeiro, e talvez mais importante, garantindo que todas as pessoas, independente de qualquer característica que as distingam, sejam ouvidas e ganhem visibilidade. Em segundo lugar, dentro da perspectiva do agendamento social, criando um contexto para que as necessidades e aspirações de todos os membros da sociedade sejam consideradas (CARRANCA, 2008, p. 311).

Essa compreensão esclarece a importância de garantir a visibilidade da história das comunidades negras no Vale do Sinos. Do ponto de vista da História, já se registra uma preocupação em recuperar a memória das comunidades negras na região na produção acadêmica. Eliege Moura Alves, em artigo que integra publicação do NIGERIA da Feevale, trata da presença dos escravos em terras alemãs, entre 1850 e 1870, ressaltando que, durante muito tempo, a historiografia no Sul do país “[...] difundiu a ideia de inexistência ou reduzida importância da escravidão no Brasil Meridional” (MOURA, 2006, p. 157).

A pesquisadora documenta a presença de mão de obra escrava na região desde 1788 quando a Feitoria do Linho Cânhamo foi transferida para o espaço onde está situado hoje o município de São Leopoldo.<sup>11</sup> Essa Feitoria funcionou até 1824, quando foi extinta. Comprova, dessa forma, a existência de ocupação humana anterior à

---

<sup>11</sup> Fundada em 1783, por ato do vice-rei Marquês de Lavradio, a Real Feitoria do Linho Cânhamo foi instalada no denominado Rincão do Canguçu na Serra do Tapes, atual município de Pelotas. Em 1788, esse empreendimento da Coroa portuguesa foi transferido para as margens do Rio dos Sinos, local denominado na época de Faxinal do Courita (MOURA, 2006, p. 158).



chegada dos imigrantes alemães também 1824. Dados citados pela autora indicam que, em 1869, existiam pelo menos 1.532 escravos em São Leopoldo, na época distrito de Porto Alegre.<sup>12</sup> Com relação a Novo Hamburgo, não há uma indicação específica quanto ao número de escravos na área em que a cidade está localizada, pois até 1927 o atual município era Segundo Distrito de São Leopoldo.<sup>13</sup>

Mesmo sem contar com dados exatos que registrem a dimensão da comunidade negra em Novo Hamburgo, há indicações sobre sua relevância numérica e importância cultural. Antes mesmo da emancipação do município, conforme pesquisa de Magna Lima Magalhães (2006), foi criado um time de futebol para que os negros pudessem praticar o esporte, o Sport Club Cruzeiro do Sul. Na época, conforme a pesquisadora, “[...] os jogos eram realizados somente entre negros, já que dificilmente os mesmos conseguiam participar de atividades esportivas em clubes que envolvessem brancos” (MAGALHÃES, 2006, p. 122). Esse clube de futebol foi criado na área conhecida como “Bairro África”, hoje Bairro Guarani, cujas memórias a série de reportagens publicada no Jornal Comunidade pretende resgatar. As festas de carnaval também tiveram muita importância para a sociabilidade da comunidade negra na cidade e mesmo na região.

Muitos dos imigrantes do Cruzeiro do Sul eram também componentes do bloco carnavalesco denominado os Leões, que durante as festas de carnaval desfilam pela avenida Pedro Adams Filho. Marcado pela presença negra, o bloco contava em sua formação, principalmente, com moradores do bairro África (MAGALHÃES, 2006, p. 124).

Por meio de registros etnográficos originários de uma pesquisa antropológica realizada com as comunidades negras em Novo Hamburgo, Nunes (2009) analisa a força das discursividades étnicas no Brasil contemporâneo. A autora parte da compreensão de que as comunidades negras se inserem num jogo de disputa de memórias sobre o espaço da cidade, lançando mão de *narrativas étnicas* que ganham força e legitimidade a partir da tradução local das políticas de ação afirmativa. Essas

---

<sup>12</sup> Documentos da Câmara Municipal de São Leopoldo registram uma população de 22.794 habitantes, com um percentual de 6,72% de escravos (1.532). Entretanto, computando pardos e pretos, tem-se 2.300 indivíduos, ou seja, 10,09% da população. A diferença entre os 6,72% de escravos e os 10,09% de negros, conforme Moura (2006, p. 168), é provavelmente formada de ex-cativos que conseguiram obter alforria de alguma maneira.

<sup>13</sup> Desde os primeiros anos da República, proclamada em 15 de novembro de 1889, Novo Hamburgo, então Segundo Distrito de São Leopoldo, manifestava-se a favor da emancipação. As negociações iniciaram-se oficialmente em 1924, numa audiência com Antônio Augusto Borges de Medeiros, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Três anos depois, em 5 de abril de 1927, Borges de Medeiros assinava o Decreto nº 3818, denominado de “O Decreto de Ouro”, criando o Município de Novo Hamburgo.



narrativas étnicas, por sua vez, competem no plano do imaginário com outras narrativas que versam sobre o espaço da cidade e o vinculam à memória da imigração alemã no Vale. Seja por meio do ensino, da pesquisa ou da extensão, ou do esforço desencadeado para a realização de projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão, a universidade tem contribuído para a valorização da história e da cultura afro-brasileira. No Vale do Sinos, constata-se um movimento de superação do discurso da invisibilidade social e política dessas populações, para o qual contribuem diferentes sujeitos: acadêmicos, militantes do movimento social, gestores públicos e cidadãos mobilizados para a edificação de uma sociedade democrática e anti-racista.

Atualmente, os pesquisadores do jornalismo, que defendem a ideia da notícia como construção, elaborada através de diversos atores e recortes, destacam a relevância da escolha dos temas a serem abordados pelos jornalistas, dos enquadramentos adotados e das fontes escolhidas como informantes, ressaltando a importância de ouvir os cidadãos. Traquina (2001, p. 198) salienta que: “[...] Os jornalistas precisam ouvir mais os cidadãos e fazer a cobertura de temas que são importantes para os cidadãos e não apenas para as fontes habituais”.

Coerente com essa proposição, Carranca (2008, p. 313) enfatiza que:

[...] ao escrever sobre as chamadas minorias, seja um grupo religioso, étnico, social ou de pessoas com deficiência, é essencial entrevistar representantes destes grupos e não apenas os especialistas. E é bom procurar, sempre, ouvir outras pessoas além do líder ou do porta-voz de uma comunidade ou grupo. Afinal, nenhuma comunidade é homogênea, e nem sempre a opinião oficial representa a maioria.

### **3 O Jornal Comunidade e as memórias do Bairro Guarani**

Após reunião com os integrantes do projeto de extensão Banda Mirim, professores Noberto Kuhn Júnior e Margarete Fagundes Nunes, foi delineada a primeira reportagem da série “Memórias do Bairro Guarani”. Publicada na edição de novembro/dezembro de 2009, ela foi assinada pelo estudante de Jornalismo Rodrigo Arnold, com fotografias de Leonardo Bouffleur e Dartagnã Peixoto, também alunos do curso e bolsistas do projeto de extensão. Através de entrevistas com Clarice Ferraz, responsável pela Portela do Sul, e Marco Aurélio Ferraz, carnavalesco responsável pelas alegorias da escola de samba, o texto buscou registrar um pouco da história do Bairro Guarani e da comunidade negra que se estabeleceu naquele espaço, conhecido no



passado como “Bairro África”, por terem ali se concentrado famílias descendentes de escravos. O Bairro Guarani é um dos mais antigos de Novo Hamburgo, com 1.300 quilômetros quadrados de área e, aproximadamente, 6.300 habitantes. Na reportagem, Marco Ferraz, que participa e contribui para o desenvolvimento de ações sociais feitas na própria escola, fala sobre a proposta de levar para a avenida no carnaval hamburguense personagens e locais que marcaram a história do bairro. Residente no Guarani desde seu nascimento, Clarice Ferraz resgata lembranças de sua infância a respeito de acontecimentos e curiosidades que constituíam o bairro. Uma fotografia publicada no Jornal Comunidade documentava a entrevista de Clarice Ferraz ao bolsista do projeto de extensão, demarcando a ideia de enfatizar a comunidade como fonte importante das narrativas.



Publicada em março/abril de 2010, a segunda matéria da série é uma reportagem-crônica, que tenta registrar alguns espaços e indícios ainda existentes no Bairro Guarani, que remetem ao tempo em que aquela área era identificada como “África”. As imagens, feitas pelo bolsista Dartagnã Peixoto, capturam registros dessa “Cartografia da memória”, em que não existe um território demarcado geográfica ou fisicamente, mas onde houve uma separação racial entre os moradores. Os locais registrados pelas fotografias foram assinalados por Clarice Ferraz a partir de suas lembranças, algumas de ouvir contar por seu pai e por seu avô, em trajeto percorrido de carro pelo bairro, onde vive desde criança. Ela apontou locais marcantes em sua infância, em uma espécie de excursão no tempo em que lembrou a escola em que estudou, uma igreja já demolida, uma fonte em que todos buscavam água no passado – e que ainda está ativa –, algumas ruas e casas. Um exemplo dessas memórias foi a Escola

de Ensino Fundamental São João, construída em área onde antes havia uma igreja. Nas suas lembranças de infância, ela citou o casarão em estilo colonial português, na Rua Bento Gonçalves, hoje Museu Friedrich, que guarda registros da época da escravidão. Alguns dos locais visitados hoje já não fazem mais parte do Guarani, mas de outro bairro a Vila Nova. Conforme o professor e pesquisador da Feevale Norberto Kuhn Júnior, esse trabalho de resgate histórico poderá fazer com que os que habitam o local se reconheçam e conheçam a história do lugar onde vivem. “Hoje o bairro Guarani é um bairro multiétnico. Resgatar a sua história fará com que os moradores se identifiquem com a importante história do lugar onde moram”, afirmou.

A imagem, a seguir, publicada no jornal, registra o casarão.



A terceira reportagem da série, publicada em maio/junho de 2010, traz registros fotográficos de alunos das disciplinas de Fotografia e Fotojornalismo do curso de Comunicação Social da Feevale. O papel dos registros fotográficos é evidenciado por Kossoy (2000). A recepção da imagem subentende os mecanismos internos do processo de construção da interpretação, processo esse que se funda na evidência fotográfica e que é elaborado no imaginário dos receptores, em conformidade com seus repertórios pessoais, culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos (KOSSOY, 2000, p. 44). As imagens fotográficas, no que concerne a sua própria natureza, acabam gerando nas pessoas as mais diversas reações e motivações. Para Boris Kossoy, algumas imagens nos levam a rememorar. Segundo ele,

Sabemos que muito do que rege o comportamento de cada um diante das imagens – em termos de percepção, emoção, rejeição, etc., quanto a um ou outro tema (povo, raça, país...) – está definitivamente vinculado ao seu repertório cultural particular. Dependendo, porém, dos estímulos que determinadas imagens fotográficas causam em nosso espírito nos veremos, quase sem perceber, interagindo com elas num processo de recriação de situações conhecidas ou jamais vivenciadas (KOSSOY, 2000, p. 44).

Essas peculiaridades fazem da fotografia uma realização singular, uma forma de registrar para contar. Para Kossoy (2000, p. 45), a fotografia estabelece em nossa memória um “arquivo visual de referência insubstituível para o conhecimento do mundo. Essas imagens, entretanto, uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluidas e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos”.

O texto recupera uma parte da história da escravidão em Novo Hamburgo no período Imperial, trazendo relatos de Odilo Friedrich, atual proprietário do Casarão Friedrich, hoje conhecido como Museu Friedrich, construído em 1845 pelos 30 escravos da propriedade. As fotografias e textos publicados no Jornal Comunidade documentam fragmentos do período da escravidão na região como, por exemplo, algemas, utensílios domésticos e ferramentas, além do próprio prédio. Na imagem, abaixo, Odilo Friedrich segura uma aljava da época da escravidão.





A documentação, produzida tanto pelo texto como pela reportagem visual, reafirma o que busca comprovar Alves (2006) de que não só os colonizadores portugueses, mas também os imigrantes germânicos fizeram uso de mão de obra escrava. Além de São Leopoldo, foco da pesquisa de Alves (2006), o depoimento de Odilo Friedrich indica que o mesmo ocorreu também em Novo Hamburgo, após a chegada dos imigrantes alemães que aconteceu em 1824.

A fotografia, como extensão da nossa capacidade de ver, através da técnica, constitui naturalmente um instrumento de observação efetiva na busca e coleta dos dados históricos. Para Guran (2002), a função da fotografia é a de destacar um aspecto de uma cena a partir do qual seja possível se desenvolver uma reflexão objetiva sobre como os indivíduos ou grupos sociais representam, organizam e classificam as suas experiências e mantêm relações entre si. Seu papel mais importante como método de observação, como sublinha Guran (2002, p. 103-4), não é apenas “expor aquilo que é visível, mas, sobretudo, tornar visível o que nem sempre é visto”.

Para que a utilização da fotografia seja eficaz, é necessária uma articulação entre as duas linguagens, a escrita e a visual, de modo que uma complete e enriqueça a outra. Quanto à fotografia suceder ao texto ou funcionar como um ponto de partida para uma reflexão, Guran (2002) assinala que a fotografia participa na descrição do universo físico investigado. Segundo o autor,

O apoio da fotografia propicia uma descrição mais completa e detalhada de situações complexas, de ações rápidas. Ela pode, por exemplo, marcar etapas de um ritual, destacar a posição precisa dos personagens, seus gestos e indumentárias, pondo em evidência aspectos que dificilmente poderiam ser traduzidos claramente apenas pela linguagem escrita (GURAN, 2002, p. 107).

A preocupação em descrever situações em campo também coloca a fotografia numa situação de encenação da reflexão, que, conforme Guran (2002, p. 107-8), “passa a se desenvolver a partir da imagem”.

Na mesma edição, Laerte Silva, do Comitê Pró-Ações Afirmativas (COPAA), assina o artigo “Conhecer o passado para planejar o futuro”, em que destaca que os negros “acabaram sofrendo um processo de invisibilidade durante a criação do processo de identidade do município”. “Com a construção de representações de uma cidade ligadas unicamente a uma etnia, ocorre a exclusão de outras”, lembrou. A participação de um integrante do Comitê Pró-Ações Afirmativas, com um artigo, na série de textos,



qualifica e amplia o debate que se pretendeu propor, por levar a construção dos relatos a um espaço público mais amplo, proporcionado por sua publicização em um jornal com circulação de 3 mil exemplares, distribuído a uma comunidade formada não só de universitários e pesquisadores, mas, também, e essencialmente, a moradores de vilas e bairros de Novo Hamburgo, atendidos por projetos de extensão da Universidade Feevale. Essa compreensão é coerente com as teorias sobre a notícia, que entendem que os temas e recortes eleitos pelos veículos de comunicação não só são uma construção de uma versão sobre a realidade como passam a fazer parte da construção dessa mesma realidade. Um grupo mais amplo de pessoas pode, assim, participar de um debate já bastante consistente no meio acadêmico sobre a contribuição da comunidade negra ao desenvolvimento da região do Vale do Sinos. A distribuição do jornal e a linguagem por ele utilizada também facilitadores da publicização dessas narrativas.

### **Considerações finais**

A série “Memórias do Bairro Guarani” tem continuidade prevista até final deste ano, buscando novas fontes para as entrevistas e colaborações, como os próprios pesquisadores da história local e ouvindo a comunidade. Além da série do jornal, vislumbra-se a continuidade de uma relação com a pesquisa universitária a partir do prosseguimento da coleta de narrativas biográficas de moradores do Bairro Guarani, antigo bairro África.

A experiência proporcionou uma aproximação entre áreas de conhecimentos diferenciadas, o que enriqueceu a reflexão sobre a contribuição que um veículo de comunicação, no caso um jornal, pode dar. Juntamente com dados e interpretações oriundos da pesquisa acadêmica, fez ouvir e fez circular lembranças, memórias, conhecimentos e saberes colhidos da comunidade negra de Novo Hamburgo, alçada a narradora de sua própria história.

Ao mesmo tempo em que narra e dá visibilidade a uma outra narrativa sobre a história da cidade, integrando a comunidade negra como sujeito e autor dessa mesma narrativa, a publicação das reportagens, imagens e depoimentos transformam-se em documento, a ser apropriado primeiramente pela comunidade que lê o jornal e em uma dimensão temporal mais ampliada por pesquisas que a ele recorrerem.



## REFERÊNCIAS

CARRANCA, Adriana. Dar voz à diversidade. In: CANELA, Guilherme (org.). **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. Brasília/São Paulo: ANDI/Cortez, 2008.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A narrativa e a captura do movimento da vida vivida. Iluminuras. **Revista Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais da UFRGS**, Porto Alegre, n. 9, 2004. Disponível em: [http://www.iluminuras.ufrgs.br/apresenta-  
revista.php?cod\\_rev=35](http://www.iluminuras.ufrgs.br/apresenta-<br/>revista.php?cod_rev=35) Acesso em: 14 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

FESTA, Regina. Notas sobre a diversidade. In: CANELA, Guilherme (org.). **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. Brasília/São Paulo: ANDI/Cortez, 2008.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções da trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 2000.

MAGALHÃES, Magna Lima. Negras memórias: a trajetória da Sociedade Cruzeiro do Sul. In: NUNES, Margarete Fagundes (org.). **Diversidades e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2006.

\_\_\_\_\_. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)**. Tese (Doutorado em História). Unisinos, 2010.

MARTINS, Gerson Luiz. O ensino de jornalismo e a agenda social. In: CANELA, Guilherme (org.). **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. Brasília/São Paulo: ANDI/Cortez, 2008.

MOURA, Eliege Alves. **Presentes e Invisíveis: escravos em terras de alemães – São Leopoldo 1850-1870**. NUNES, Margarete Fagundes (org.). **Diversidades e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. E agora? Urgente colocar o social no centro da pauta jornalística. In: CANELA, Guilherme (org.). **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. Brasília/São Paulo: ANDI/Cortez, 2008.



NUNES, Margarete Fagundes. A extensão universitária como uma extensão do olhar: relato de uma experiência no projeto “Banda Mirim”. In: NUNES, Margarete Fagundes (org.). **Diversidades e políticas afirmativas: diálogos e intercursos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2006.

NUNES, Margarete Fagundes. **O negro no mundo alemão: cidade, memória e ações afirmativas no tempo da globalização**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). UFSC, 2009.

REICHERT, Inês C. Tornar-se negro na universidade: a pluralidade étnico-racial no ensino superior e a experiência do NIGERIA. In: NUNES, Margarete F. **Diversidade e Políticas Afirmativas: diálogos e intercursos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

RIOS, Roger Raupp. Ações afirmativas no Direito Constitucional brasileiro: reflexões a partir de debate constitucional estadunidense. In: SARLET, Ingo W. (org.). **Jurisdição e direitos fundamentais**. Anuário 2004/2005 da Escola Superior da Magistratura do Rio Grande do Sul – AJURIS. Porto Alegre: Ajuris; Livraria do Advogado, 2006.

SILVA, Laerte. Conhecer o passado para planejar o futuro. **Jornal Comunidade**. Novo Hamburgo, ano 3, n. 11, maio/jun. 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2003.

TRAQUINA, Nelson (org.). **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.